

C10 E C11 A fundo



Economia da China perde o ritmo e derruba o otimismo do país

CULTURA & COMPORTAMENTO

SEXTA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2022 O ESTADO DE S. PAULO

C2



C1

Casa Decoração

## Na DW22, nova geração de designers traz a diversidade para suas criações

— Semana de Design em São Paulo, em cartaz até domingo, tem mais de cem atrações em uma oportunidade única de conferir trabalhos consagrados e de artistas mais jovens

**MARCELO GOMES LIMA**  
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Em sua 11.ª edição, a primeira dos últimos anos sem as restrições impostas pela pandemia, a Semana de Design de São Paulo, DW! 22, retoma agora seu formato original. Em cartaz até domingo, 11, mais de cem atrações presenciais, distribuídas em oito distritos, integram a programação oficial do evento. Trata-se de uma oportunidade única de se atualizar com as últimas novidades do setor, de conferir os mais recentes trabalhos de designers consagrados, mas também os destaques de uma nova geração.

Jovens que têm feito da diversidade – de origem, propostas, objetivos e visões de mundo – o motor propulsor de suas criações e para os quais, apesar dos poucos anos de estrada, o festival paulistano se tem revelado uma eficiente plataforma de lançamento. “Apresentada na Itens Collections em 2019, a luminária Cabaça, sucesso de vendas até hoje, foi o primeiro produto que lancei na Design Week”, lembra o designer Lucas Lima. Um entre os cinco jovens presentes nesta edição da mostra que, pela atualidade de suas propostas, merecem um olhar atento.

**KAROL SUGUIKAWA.** “Por intermédio de meus móveis pretendo tocar as pessoas, fazê-las pensar. Me agrada a ideia de que elas me reconheçam neles. Isso me deixa mais segura quanto às críticas”, afirma a designer, arquiteta formada pela Universidade Estadual de Goiás, com especialização no Instituto Politécnico de Milão. “A Itália me colocou em contato com algumas das minhas maiores influências: o movimento de design radical dos anos 1970 e designers como Gaetano Pesece e Enzo Mari, que ousaram contestar o estabelecido.”

**VICTOR VASCONCELOS.** A influência dos dias vividos, desde a infância, no ateliê da mãe, estilista, é claramente perceptível nos móveis criados pelo



MARCUS CAMARGO

1



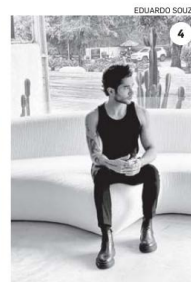
BETO GRANGETA

2



IARA MORSELLI/ESTADÃO

3



EDUARDO SOUZA

4



PABLO PAIVA

5

1. Marcus Camargo se inspira na arte goiana para fazer sua cerâmica 2. Karol SuguiKawa expõe sua poltrona Vértice 3. Lucas Lima com sua luminária Cabaça, que se tornou um sucesso 4. Victor Vasconcelos mostra rigor na escolha de materiais, como no sofá de sua autoria 5. A designer Sofia Venetucci é a criadora da poltrona Concreta

hoje designer Victor Vasconcelos. Basta observar o rigor na escolha dos materiais, a preocupação com o acabamento, a riqueza tátil e visual dos tecidos. “Penso que o design hoje, especialmente após a pandemia, quando voltamos

nossos olhares para dentro e revivemos tantas memórias e sensações, deve trazer consigo uma mensagem, e não apenas responder a uma função”, acredita ele.

**LUCAS LIMA.** Produzir para sua

própria marca, por sua vez, continua a ser a principal meta do paulistano Lucas Lima. “Meu maior sonho é conseguir ter meu estúdio e minha independência de criação e produção.” Enquanto isso não acontece, porém, ele continua a turbinar seu currículo. Aluno bolsista, recém-graduado em design de produtos, sua primeira mostra como designer ocorreu em 2017, no Salão Satélite de Milão, com a rede de descanso Aguida, um projeto acadêmico de investigação sobre o trançado de corda náutica.

**De olho**  
O festival paulistano se tornou uma plataforma importante de lançamento de novos designers

**SOFIA VENETUCCI.** Entre a pequena e a grande escala, o produto industrial ou a peça artesanal, a designer Sofia Venetucci prefere contemplar todas as possibilidades. “Trabalhar em larga escala implica um compromisso fundamental do designer com a questão da sustentabilidade. Já as pequenas séries permitem explorar o minucioso ofício do artesão. Tudo me interessa”, considera ela, graduada em Design de Produtos, pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, que, desde 2017, tem concentrado sua atuação no design de mobiliário.

**MARCUS CAMARGO.** “Nas minhas criações, arte e design andam juntos. Não consigo dividir”, afirma o designer goiano Marcus Camargo. Formado em artes visuais com bacharelado em design de interiores, pela Universidade Federal de Goiás, desde muito cedo ele se dedicou a experimentar as mais diversas técnicas de produção, até chegar à sua matéria-prima ícone, a cerâmica. “Nasci na cidade de Cora Coralina. Comecei nas artes plásticas, parti para a dança, cheguei ao design. Acredito que isso me trouxe muito repertório e liberdade de criação”, diz. ●



Sob lockdowns, verão mais quente em 60 anos e falta de chuva, economia perde ritmo e derruba o otimismo do país

# China, o gigante com a confiança abalada

LUCIANA DYNIEWICZ

**P**olo tecnológico da China, a cidade de Shenzhen entrou em lockdown no fim de semana passado para testar em massa sua população devido ao aumento de casos de covid. Na segunda-feira, o governo mudou as restrições de distanciamento social e passou a restringir o deslocamento total a bairros considerados de riscos alto e médio. Em alguns locais, estabelecimentos como cinemas e teatros permanecerão fechados. Ainda que não seja o lockdown radical que vinha sendo visto até agora, a situação não favorece a economia chinesa, que vem sofrendo golpe atrás de golpe neste ano.

Além dos lockdowns – sendo o de 65 dias em Xangai, no primeiro semestre, o mais duro deste ano até agora –, os efeitos de um verão de temperatura mais elevada do que o habitual também prejudicaram a economia do país asiático. Em algumas regiões chinesas, foi o verão mais quente dos últimos 60 anos.

Com a temperatura ultrapassando os 40°C, a escassez de chuva e o importante Rio Amarelo (fonte de energia elétrica e via de escoamento de mercadorias) em um nível historicamente baixo, fábricas tiveram de suspender suas operações, e a produção de grãos, como milho, caiu.

A esses fatores, soma-se a perda de confiança do consumidor. De acordo com o escritório de estatísticas da China, desde abril, a confiança no país está em seu patamar mais baixo da série histórica, iniciada nos anos 1990. Nos últimos meses, o indicador ficou ao redor de 87 e 88 pontos, em uma escala de 0 a 200, na qual números inferiores a 100 indicam pessimismo.

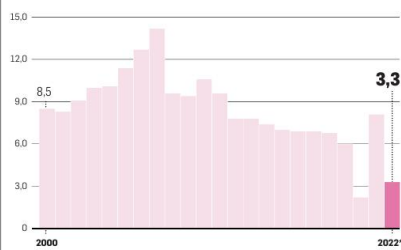
O desânimo do consumidor chinês está diretamente relacionado à crise do setor imobiliário, que se desenrola há mais de um ano e é o grande proble-

## DESÂNIMO CHINÊS

PIB e confiança do consumidor recuam na China

### Variação no PIB

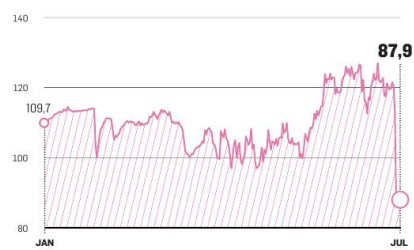
EM PORCENTAGEM



\*PROJEÇÃO DO FMI. \*\*O ÍNDICE VARIA DE 0 A 200. 200 INDICA EXTREMO OTIMISMO E 0, EXTREMO PESSIMISMO

### Confiança do consumidor

EM PONTOS\*\*



FONTE: FMI | INFOGRÁFICO: ESTADÃO



THOMAS PETER/REUTERS-157/2022

**O centro da crise**  
 O desânimo chinês está relacionado à crise do setor imobiliário, que se desenrola há mais de um ano e é o grande problema do país hoje

ma do país hoje. Em 2021, o segmento começou a dar sinais de que passaria por um período muito difícil após o governo de Xi Jinping, preocupado com o alto nível de alavancagem das construtoras, passar a restringir o acesso ao crédito a essas empresas. Jinping sinalizou que os imóveis não deveriam ser alvos de especulação, como vinha ocorrendo, mas servir de moradia aos chineses.

**OBRAS INTERROMPIDAS.** Após o governo passar a dificultar o acesso ao crédito para as construtoras, algumas delas, sem dinheiro, interromperam as obras. Na esteira, parte dos compradores, que já tinha arca-

**“Hoje, os papéis das construtoras são negociados a preços muito baixos no mercado secundário, a preços quase de default (calote).”**

**Fernando Rocha**  
 Economista-chefe da gestora JGP

**“A China está convergindo para um ritmo de crescimento mais próximo das economias desenvolvidas.”**

**Laura Pitta**  
 Economista do Itaú Unibanco

vel, começou a boicotar o pagamento das prestações.

Lá, as companhias lançam seus projetos imobiliários, vendem parte das unidades recebendo entradas ao redor de 60% do valor, e financiam o restante, que vai sendo pago pelo futuro proprietário enquanto a obra é erguida. Quando a construção é concluída, o apartamento costuma estar quitado. Portanto, compradores já haviam desembolsado valores significativos quando obras foram paralisadas.

“Isso foi um sufoco para a autoridade chinesa. Essas pessoas que estavam protestando (os compradores) tiveram um alívio no pagamento das prestações. Mas a questão é que, hoje, os papéis das construtoras são negociados a preços muito baixos no mercado secundário, a preços quase de default (calote)”, explica o economista-chefe da gestora JGP, Fernando Rocha.

Para tentar aliviar a crise, o governo tem atuado de modo discreto. O Banco Central deu crédito barato a bancos de desenvolvimento, que, por sua vez, repassaram à construto-

ras. O problema é que os consumidores não confiam mais nessas empresas, e o setor não consegue mais vender como antes. Segundo o economista Livio Ribeiro, do Instituto Brasileiro de Economia (FGV/Ibre), tem havido um empocamento de liquidez (disponibilidade de dinheiro) por falta de demanda. “Há uma ditretriz para conceder crédito, mas ninguém quer pegar esse crédito”, diz.

Ribeiro destaca ainda que, como Xi Jinping quer desalavancar o setor imobiliário, a maior parte do crédito liberado pelo governo é para as incorporadoras concluírem obras, não para lançar novos projetos. “Isso não gera demanda. Para tirar o setor do buraco, seria preciso gerar demanda por novas construções”, acrescenta.

**MOTOR DO PIB.** A situação setorial mais grave porque o setor da construção é responsável por cerca de 25% do Produto Interno Bruto (PIB) chinês. Sua desaceleração, portanto, freia todo o crescimento econômico. De acordo com Rocha, da JGP, o PIB da cons-



THOMAS PETER/REUTERS-15/7/2022

Ao fundo, obra em Pequim; a construção civil, responsável por 25% do PIB chinês, está em crise

truição pode cair de 5% a 8% em 2022.

Assim, a crise do segmento, ao lado do lockdown de Xangai, está entre os principais fatores que fizeram o governo indicar que desistiu de perseguir sua meta de crescimento do PIB para 2022, que havia sido fixada em 5,5%.

Hoje, o Fundo Monetário Internacional (FMI) projeta que o PIB avançará 3,3% neste ano. Com exceção de 2020, quando a economia chinesa cresceu apenas 2,2% por causa da crise da pandemia, esse seria o número mais baixo desde, ao menos, 1980.

O Itaú Unibanco estima um crescimento de 3,2% para a China em 2022. Laura Pitta, economista do banco, destaca que os dados de vendas no varejo têm surpreendido negativamente e que, portanto, o PIB pode ser mais baixo do que o projetado atualmente. “Acho que 3% seria o piso. Esse é um cenário diferente da China que a gente conhecia. Antigamente, ela ajudava a economia global, agora ela seria mais neutra”, avalia.

Laura lembra que a estru-

ta da economia chinesa é diferente daquela de quando o PIB crescia dois dígitos ao ano. Há dez anos, o governo vem tentando mudar a base da economia, que antes era focada em grandes investimentos em infraestrutura e exportações e começa a ser impulsionada pelo consumo interno. Isso significa que não há mais tanto espaço para crescer a taxas altas co-

### Temor global Preocupação com a China se agrava no contexto de risco de recessão nos Estados Unidos e na Europa

mo as do passado. “A China está convergindo para um ritmo de crescimento mais próximo das economias desenvolvidas. É um processo longo de transformação, mas é difícil esperar que o país vai ser fonte de demanda de commodities daqui para frente”, acrescenta.

Para o mundo, talvez o grande entrave esteja no fato de a desaceleração chinesa ocorrer em um momento em que há

risco de recessão nos Estados Unidos e na Europa. Das outras vezes em que isso ocorreu, como na crise financeira de 2008, a China serviu como um contrapeso, dado que continuou crescendo e demandando produtos de países como o Brasil. “Isso era muito importante para o mundo emergente. Desta vez, é diferente”, acrescenta Ribeiro, do Ibré.

### IMPACTO PARA O BRASIL.

Nos países emergentes, os setores ligados a commodities metálicas deverão sofrer mais. Isso porque o modelo adotado pelo governo chinês para desacelerar a economia prevê justamente esse freio em investimentos de infraestrutura e na construção civil. Por outro lado, a população de classes mais baixas na China, que está começando a ter um maior poder de compra, deve continuar expandindo a demanda por alimentos, o que pode favorecer a exportação brasileira de commodities agrícolas. ●

## ‘O novo normal para o PIB da China é 3% ou 4%’

### ENTREVISTA

Otaviano Canuto  
Membro sênior do Policy Center for the New South



© ALBERTO TRUFIN/ESTADÃO 18/7/2022

**A** pesar de sofrer com fatores conjunturais, a China também passa por uma transformação estrutural na economia e já não pode mais contar com o setor imobiliário como alavanca do Produto Interno Bruto (PIB). O resultado disso, e da aposta no consumo interno como motor econômico, são taxas de crescimento mais modestas no país.

“O cenário mais provável é um crescimento de 3% em 2022 e talvez um pouco mais que isso, no limite de 4%, no ano que vem. Não se trata de colapso. Ainda vai ser uma taxa maior do que a de países avançados. A convergência de renda vai continuar, mas em um ritmo menor do que nas décadas anteriores”, diz o ex-vice presidente do Banco Mundial e membro sênior do Policy Center for the New South, Otaviano Canuto.

Na visão do economista, o governo chinês não vai aumentar as medidas de incentivo econômico desta vez para tentar impulsionar o PIB, dado que não quer agravar a vulnerabilidade financeira, principalmente das construtoras. A seguir, trechos da entrevista.

### A desaceleração da China é pontual ou podemos esperar um crescimento do PIB ao redor de 3% ou 4% como o novo padrão do país?

São as duas coisas. Tem componentes conjunturais que podem ter repercussão no futuro e tem uma questão mais estrutural, o declínio gradual da taxa de crescimento. A combinação leva a pensar que o novo normal para o PIB da China é algo mais perto de 3% e 4% do que as taxas de dois dígitos, que ficaram para trás há muito tempo. A política de covid zero é conjuntural e tem impacto sobre a economia, mas não tanto sobre as exportações. Os chineses fo-

ram mais propensos a evitar o avanço de exportações. Fecham cidades, mas protegem corredores de transporte de logística. Tem também um fator especial neste ano, mas que deve ser recorrente, a seca. Por causa dela, há restrições de uso de energia em algumas cidades, e fábricas foram fechadas. E tem uma questão mais de fundo, as agruras do setor imobiliário.

### Como o setor imobiliário afundou tanto?

Em 2011, o então presidente da China, Hu Jintao, fez um dos primeiros desenhos do rebalanceamento da economia do país. O fantástico período de crescimento do PIB em dois dígitos na média havia decorrido de um crescimento nas taxas de investimento de quase 50% do PIB. Isso só era possível porque refletia uma estrutura de apropriação da renda, em que a parcela de salário em proporção ao lucro era a mais baixa do que a de qualquer outro país. A capacidade de investimento era viável via saldo comercial com o resto do mundo. À medida que a China cresceu, aquilo não era mais sustentável. Então se desenhou o mapa no qual a economia chinesa seria menos dependente de investimento em relação ao PIB, aumentando o consumo doméstico. Ao mesmo tempo, a China subiria na escala de valor, dependendo menos de atividades intensivas em menor qualificação. Mas, depois da crise financeira global, todo mundo ficou com medo da desaceleração econômica. E a China também.

### A transformação econômica finalmente está se concretizando?

A opção chinesa é não empurrar o problema com a barriga de novo e apenas evitar piorar a situação de insustentabilidade das construtoras. Os credores das incorporadoras até estão aceitando esperar um pouco para ver se, mais para frente, elas conseguem cumprir com suas obrigações. O governo está tentando evitar um colapso, mas não há uma nova onda de empreendimentos imobiliários para evitar a desaceleração econômica como ocorreu antes.

### Nas últimas semanas, surgiram novas medidas para evitar a desaceleração. Elas mudam o cenário?

Elas são modestas no sentido de que não vai ter um retorno do PIB a 6%, como ocorreu em 2019. O cenário mais provável é um crescimento de 3% em 2022 e talvez um pouco mais que isso, no limite de 4%, no ano que vem. Não se trata de colapso. Ainda vai ser uma taxa maior do que a de países avançados. A convergência de renda vai continuar, mas em um ritmo menor do que nas décadas anteriores. ● L.P.